

A GESTÃO MILTON MARINHO MARTINS NA ESCOLA MUNICIPAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS “DR. ACHILLES DE ALMEIDA”: AUTORITARISMO OU AUTORIDADE?

*José Wilson Sanches Campos*¹

RESUMO: A capacidade de domínio da situação, o comprometimento, a dedicação e a visão de autoridade, passados aos alunos pelo diretor Sr. Milton Marinho Martins, foram importantes na formação de uma imagem positiva da escola na coletividade e também influenciou no sucesso da Escola Municipal de Primeiro e Segundo Graus Dr. Achilles de Almeida de Sorocaba. Este trabalho vem na intenção de contribuir para a formação de um banco de dados sobre a história da já referida instituição de ensino, enquanto aprofunda o debate sobre a interferência do estilo e comprometimento pessoais da figura do diretor escolar na formação do imaginário social positivo de uma instituição de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Autoridade; autoritarismo; imaginário social; instituição escolar; Milton Marinho Martins; Escola Municipal “Dr. Achilles de Almeida” – Sorocaba, SP-Brasil.

ABSTRACT: The capacity of managing situations, the commitment, the dedication and the view of authority, passed through the students by the principal Mr. Milton Marinho Martins, were very important in the formation of a positive image of the school in the community. Furthermore, it had a great influence in the success of the Primary and Secondary Municipal School Dr. Aquilles de Almeida, in Sorocaba. The aim of this research is to contribute to the formation of a data bank concerning the history of this institution, while the debate gets deeper about the interference of the style and the personal engagement of the principal in the formation of a positive social imaginary of a institution.

KEY-WORDS: Authority; Authoritarianism; social imaginary; institution; Milton Marinho Martins; Municipal School “Dr. Aquiles de Almeida” – Sorocaba, SP – Brazil.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba – Uniso. E-mail: wilcam@globo.com

Como parte de um projeto que pretendia fazer pesquisas preliminares sobre as primeiras instituições de ensino sorocabanas², mestrados da Universidade de Sorocaba foram a campo. Nas primeiras análises, deparamo-nos com a escassez de materiais históricos preservados. A história da educação em Sorocaba apresenta lacunas significativas, o que por si já seria razão bastante e suficiente para este e futuros trabalhos de pesquisa. Desde então, vem sendo efetivada a formação de um banco de dados para subsidiar futuros trabalhos na área da pesquisa escolar em nossa cidade e região. Um dos tijolos dessa construção é a história da escola municipal, conhecida como Achilles de Almeida³.

A Escola Municipal de Primeiro e Segundo Graus “Dr. Achilles de Almeida” é parte importante da história educacional e cívica dos bairros do Além Ponte, Vila Hortência, Barcelona, Vila Assis, entre outros da região em que foi instalada e da própria Sorocaba. O termo *cívica* foi aplicado por que o diretor Milton Marinho Martins promovia regularmente festas comemorativas de datas cívicas e também as tradicionais festas folclóricas. Existem paralelos relevantes entre essas suas práticas tradicionais e as relações sociais que acabou por desenvolver.

O senhor Milton Marinho Martins, ex-diretor da instituição, foi um afamado servidor público, e sua história se confundiu com a própria origem e identidade da escola por muitos anos. Não é lugar-comum dizer que ele foi por muitos anos – e para alguns ainda é – a alma, o símbolo vivo do Achilles, diminutivo pelo qual a E. M. P. S. G. Dr. Achilles de Almeida ficou conhecida na cidade.

Fazer uma análise das relações sociais que este diretor de escola construiu e da sua influência sobre os alunos e funcionários de sua administração, interessa aos estudiosos de gestão escolar, psicologia, sociologia e demais pesquisadores que pretendam trabalhar com representações sociais no campo do ensino.

Um ponto importante levantado neste trabalho é o fato de o diretor exercer, naquela época, uma função pedagógica na escola e isso era determinante para o bom andamento dos trabalhos escolares. Infelizmente, hoje o diretor foi transformado em um estafeta da burocracia do Estado. A função pedagógica é exercida por coordenadores, que, apesar do preparo pedagógico, normalmente não são dotados do mesmo poder simbólico, sendo, portanto, menos eficazes em questões que envolvam poder e disciplina, principalmente se considerarmos que o poder deriva de uma relação simbólica entre as partes envolvidas no cotidiano escolar.

Algumas escolas sabiamente ainda reservam a figura do diretor em uma posição de autonomia e respeito; por mais preconceitos que a palavra respeito possa gerar em “dias

2 Referimo-nos, aqui, aos projetos de pesquisa que vêm sendo desenvolvidos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, por seus professores e alunos.

3 Pesquisa de dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira.

de liberdade” como estes, ainda assim, esse respeito é o cimento das relações hierarquizadas, sendo o sentimento que leva alguém a tratar outrem ou alguma coisa com grande atenção, profunda deferência; consideração, reverência. O poder simbólico

é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. (Bourdieu, 2001, p.188)

A escola do “Seu Milton” era considerada uma instituição de excelência, e muito bem conceituada na cidade. A premissa de que partimos foi essa; entretanto, fez-se necessário verificar se a escola possuía mesmo essa boa fama na coletividade e se o diretor Milton teria sido uma figura decisiva na história dessa instituição escolar.

É importante informar que fui aluno desse ginásio, designação que corresponde atualmente ao segundo ciclo do Ensino Fundamental; na época sentia medo do “Seu Milton”, o que não diminuía minha adoração pela escola. As entrevistas com outros alunos me fizeram ver que não estava sozinho. Para muitos de nós, havia uma onipresença e grande poder imanentes da figura dele, o diretor. Não consigo me recordar de um dia de aula sem a impressão de ele estar lá em sua sala, observando. Assim como na proposta de Bentham para o seu panóptico, o olhar do “Seu Milton” era suficiente, mesmo que não lhes víssemos os olhos, para inibir revoltas ou traquinagens. É obvio que tais impressões foram recolhidas da infância e esta, infelizmente, já vai longe, mas é notável que os ex-alunos entrevistados também tenham passado por sensações semelhantes e que tenham desenvolvido opiniões tão parelhas às minhas.

Por quê a presença do “Seu Milton” é sentida no imaginário dos ex-alunos até os dias de hoje de forma tão marcante? Tínhamos medo dele, porém, sua administração da escola é considerada, inclusive pelos alunos mais rebeldes, como impecável. Sua gestão foi autoritária ou exercida com autoridade? O imaginário sobre a sua autoridade é que importa. Autoridade, segundo Friedrich (1974), é “acrescentar sabedoria à vontade, razão à força e ao desejo”.

Ainda quanto à questão da autoridade, acrescenta Friedrich (1974, p.59-60):

Existem, em resumo, situações de poder que se diferenciam de outras pelo fato de aquele que exerce o poder ter a capacidade para elaborar o que preferir por raciocinar o que parecia racional para aqueles que o seguem, se o tempo e outras circunstâncias o permitirem. Tal raciocínio envolve, geralmente, os valores e as crenças. Bem como os interesses do grupo dentro do qual o poder é exercido. O detentor do poder compartilha com seus seguidores, total ou parcialmente, esses valores e crenças, podendo, assim, o que faz muitas vezes, explicar a seus seguidores as razões de ter agido de um certo modo. Trata-se de uma situação comum na política.

Autoridade e autoritarismo não se confundem quando tomados nesta perspectiva também apontada por Paulo Freire (1996, p.68) pra si, e para qualquer professor, mas também válida para um diretor de escola:

É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever.

Não falamos nunca em um líder totalitário como os que nos apresenta Hannah Arendt em seu livro: *As origens do totalitarismo*, quando se refere à autoridade de um líder totalitário, cruel e irracional, como foi Hitler, Mussolini e outros tantos, mas a líderes com autoridade, com escorreita capacidade em expor as razões pelas quais as suas escolhas devem ser acolhidas pelos seus liderados.

A celebridade da escola era significativa e abrangia a região, estando firmemente inculcada no ideário popular e na senda do imaginário social. Aqui, recorremos a Ansart (1978, p.22), para quem, o imaginário é o "Conjunto de sistemas de representações através dos quais as sociedades se autodesignam, fixam simbolicamente suas normas e seus valores". Alunos, funcionários e comunidade criaram uma visão sobre a escola e sobre o seu diretor e essa visão retro-alimentou outras, e assim por diante. Formou-se, assim, um cabedal de crenças que denotavam valores daquela comunidade e daquele tempo.

Podemos ressaltar a importância dos sentimentos dos ex-alunos em relação ao diretor, expressos em suas entrevistas, considerando os estudos de Tevês (1992, p.52), segundo o qual, o imaginário social surge e se legitima hegemonicamente por força do grupo que a ele dá o respaldo de sua crença.

No que tange ao ideário popular ou imaginário popular:

A imaginação social, além de fator regulador e estabilizador, também é a faculdade que permite que os modos de sociabilidade existentes não sejam considerados definitivos e como os únicos possíveis, e que possam ser concebidos outros modelos e outras fórmulas. (Baczko, 1985, p. 403)

Nosso objeto de pesquisa gira no entorno de uma instituição escolar e temos que entender que a própria visão do que seria uma unidade escolar vem mudando. Temos sempre que manter em mente que a unidade escolar não pode ser entendida apenas como mais um prédio público, ou uma extensão do lar, como se preconizou por tanto tempo. E, também, não é só um espaço no qual as relações são apenas de caráter profissional. Nas palavras de Canário (1998):

O estabelecimento de ensino, entendido durante muito tempo como uma unidade administrativa que prolongava a administração, passou a ser encarado como uma organização social, inserida num contexto local singular, com identidade e cultura próprias, produzindo modos de

funcionamento e resultados diferenciados. A ação dos professores deixa de ser perspectivada como uma resultante simples e linear das decisões e das políticas estabelecidas a nível nacional ou regional. O estabelecimento de ensino constitui uma realidade organizacional que funciona como um «filtro» mediador entre a administração e os professores.

Como já foi dito, grande parte da história dessa escola ainda não foi recolhida, muito menos no campo das relações sociais e do imaginário. Para fazer emergir essa história, alguns documentos precisam ser “construídos” e o método de produção escolhido para “criação” dessas fontes foi o da História Oral, tomando por referência a experiência gerada por dois grandes centros de excelência, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, criado em 1973, e o Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU), da Universidade de São Paulo.

O manual de Verena Alberti, intitulado: *História Oral: a experiência do CPDOC*, foi de grande valia, pois nos trouxe uma visão clara do que seria a criação de tais documentos, a partir da coleta de depoimentos.

A História Oral, mais que um instrumento, é uma opção metodológica, pois permite recolher impressões tanto objetivas quanto subjetivas dos entrevistados. Nesse sentido, poderá contribuir para a formação de um repositório da história da E. M. P. G. “Dr. Achilles de Almeida” e, ainda, possibilitar o aprofundamento da análise da interferência do diretor na formação do imaginário social relativo à instituição em tela, a partir do estudo do estilo administrativo e do comprometimento pessoal do diretor para com ela.

Tratar de autoridade é um assunto delicado e difícil. São muitas as armadilhas, pois é fácil e comum confundir assuntos como: poder, legitimidade do poder, totalitarismo e autoritarismo, apenas para citar alguns exemplos, com a autoridade no sentido em que ela “deveria” sempre possuir e que explicitamos neste trabalho.

Seria um erro terminar sem antes deixar claro que não podemos analisar relações sociais desvinculadas de seu tempo e especificidades locais. Os tempos são outros, como se costuma dizer, mas o ser humano, em síntese, é o mesmo. Algumas relações simbólicas também não mudam muito em sua estrutura. Se o exemplo não servir de regra, que sirva ao menos de exemplo:

Um pai sensato substituirá gradualmente o simples comando por persuasão, isto é, procurará desenvolver a autoridade dando razões. Elaborando suas instruções, substitui a sujeição pela compreensão. Responderá às perguntas “Por que?” e “Para quê?” da melhor maneira que puder. Contudo, por vezes, tem de voltar ao seu poder, respondendo “Porque eu disse!” A situação poderá não permitir uma explicação demorada, por falta de tempo. Assim, a autoridade e o poder entrelaçam-se. A autoridade reside no fato de que a criança ganhará gradualmente um discernimento do significado das ordens e das regras dos pais; torna-se “socializada”. Esse processo repete-se na escola e na sociedade mais ampla. Todo esse discernimento vai proporcionando gradualmente – ou deveria proporcionar – a participação da pessoa que se está formando. Ela ajuda, por assim dizer, a formar essas regras e a fazer que também sejam suas. Assim, a disciplina é substituída por autodisciplina. (Friedrich, 1974 p. 64).

Este trabalho não pretende fazer a apologia da autoridade. Deseja apenas mostrar que a figura do diretor, quando cingida de autoridade, é fundamental ao bom andamento de uma unidade escolar. Essa é a tese que defendemos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- ANSART, Pierre. **Ideologia, conflito e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda/Editora Portuguesa, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CANÁRIO, Rui. **Gestão da escola: como elaborar o plano de formação?** Cadernos de Organização e Gestão Escolar. Monografias. Instituto de Inovação Educacional, 1998. Disponível em: <http://iie.min-edu.pt/biblioteca/ccoge03/intro.htm>
- FRIEDRICH, Carl. **Tradição e autoridade em ciência política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- TEVÉS, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: TEVÉS, Nilda (Org.). **Imaginário e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.